

## A FAVELA DA MATINHA/SE: UM EXEMPLO DE ÁREA PAUPERIZADA

Adelci Figueiredo Santos<sup>\*</sup>  
Cristiane Alcântara Jesus Santos<sup>\*\*</sup>  
Mary Cristina Santos das Chagas<sup>\*\*</sup>  
Sônia de Souza Mendonça Menezes<sup>\*\*</sup>

**ABSTRACT** - The slum of Matinha, placed in the Industrial Neighborhood, North zone of the city of Aracaju is constituted by the most suffered portion and pauper of the population that it portrays the terrible survival conditions the one that are submitted, harnessed to the dispossess process and social exclusion, doing with that become migrants in potential objectifying the right of living worthily in order to rescue its citizenship usurped.

### INTRODUÇÃO

A aceleração do processo de urbanização/industrialização tem estimulado a criação de problemas, dramas e dificuldades sociais, dentre eles a falta do acesso a moradia. Como conseqüência, uma boa parte da população passa a ocupar áreas periféricas com infra-estrutura precária sem equipamentos necessários.

Morar é necessidade vital, prioritária. Desatendida, tal exigência, o resultado dentre outros são as invasões e favelas que preocupam governantes e humilha governados.

Recentemente ocupações de grandes áreas urbanas mostram o intenso processo de favelização que as cidades vivem, fenômeno agravado a partir dos anos 70.

Luta-se pelo direito à habitação, luta que envolve principalmente marginalizados, desempregados, migrantes que habitam de início pequenas casas alugadas, próximas do emprego e serviços urbanos. Com o aumento do desemprego e a desvalorização do salário, muitos não conseguem pagar o aluguel, enfrentam o vexame do despejo. Há os que, no desespero procuram um lote barato na periferia ou invadem áreas disponíveis abandonadas pelo poder público e por particulares.

É o caso da Favela da Matinha que ocupa terreno de propriedade da Sol Construtora Empreendimento Ltda., localizada à zona Norte de Aracaju, no bairro Industrial, na margem direita do Rio Sergipe. Ela é formada por 13 (treze) ruas, cada uma, em média com 3,5m de largura. Três das suas ruas estão dispostas no sentido W-E, uma NE-SW e as demais na direção S-N. As ruas são representadas e denominadas por letras como, por exemplo: A, B, C, D, F, O e Y (Figura 1).

A ocupação da favela ocorreu, segundo uns em 16/10/96 enquanto outros em 16/12/96. Alguns entrevistados informaram que *“o terreno era coberto por mato só servia para a marginalidade, depósito de dejetos e proliferação de doenças”*. Outros afirmaram que a localidade era considerada *“cemitério clandestino, pois quando estavam limpando esta área encontraram ossos de cadáveres humanos e muitas cápsulas de munição”*.

Os moradores da área, justificam o processo de invasão, explicam que não tinham poder aquisitivo para custear o aluguel mensal, muitos com dívida acumulada, desempregados, sem salário suficiente para pagar as despesas.

A vida dos moradores quando ocorreu a ocupação era dramática, calamitosa, pois as condições de sobrevivência eram difíceis, isto é, subumanas. Atualmente ainda existem sérios problemas e desafios a serem enfrentados pela comunidade. Um deles, está relacionado com o nível do terreno, pois é mais baixo que as áreas circunvizinhas, estando sujeito a constante alagamento contribuindo dessa forma para a proliferação do bicho de porco, caramujos, sapo de rabo e tantos outros insetos nocivos à saúde dos moradores. Nas enchentes muitos ficaram desabrigados perdendo seus móveis e barracos, passando a conviver no espaço reduzido em barracos de vizinhos.

O processo de ocupação na Matinha se deu de forma diferenciada tendo em vista que 68,5% dos favelados ocuparam a área na época da invasão (1996), enquanto outros tiveram acesso a área, entre 1997/1998. Uns moradores adquiriram o lote através de compra (15,8%) no valor, em geral, de mais de R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais). A aquisição de outros foi através de doação (7,9%). Há os que adquiriram o lote em troca de eletrodomésticos (3,9%). Com a favela praticamente ocupada, diminuiu grandemente a influência de novos moradores, raramente há venda ou troca de lotes. Há casos, mesmo

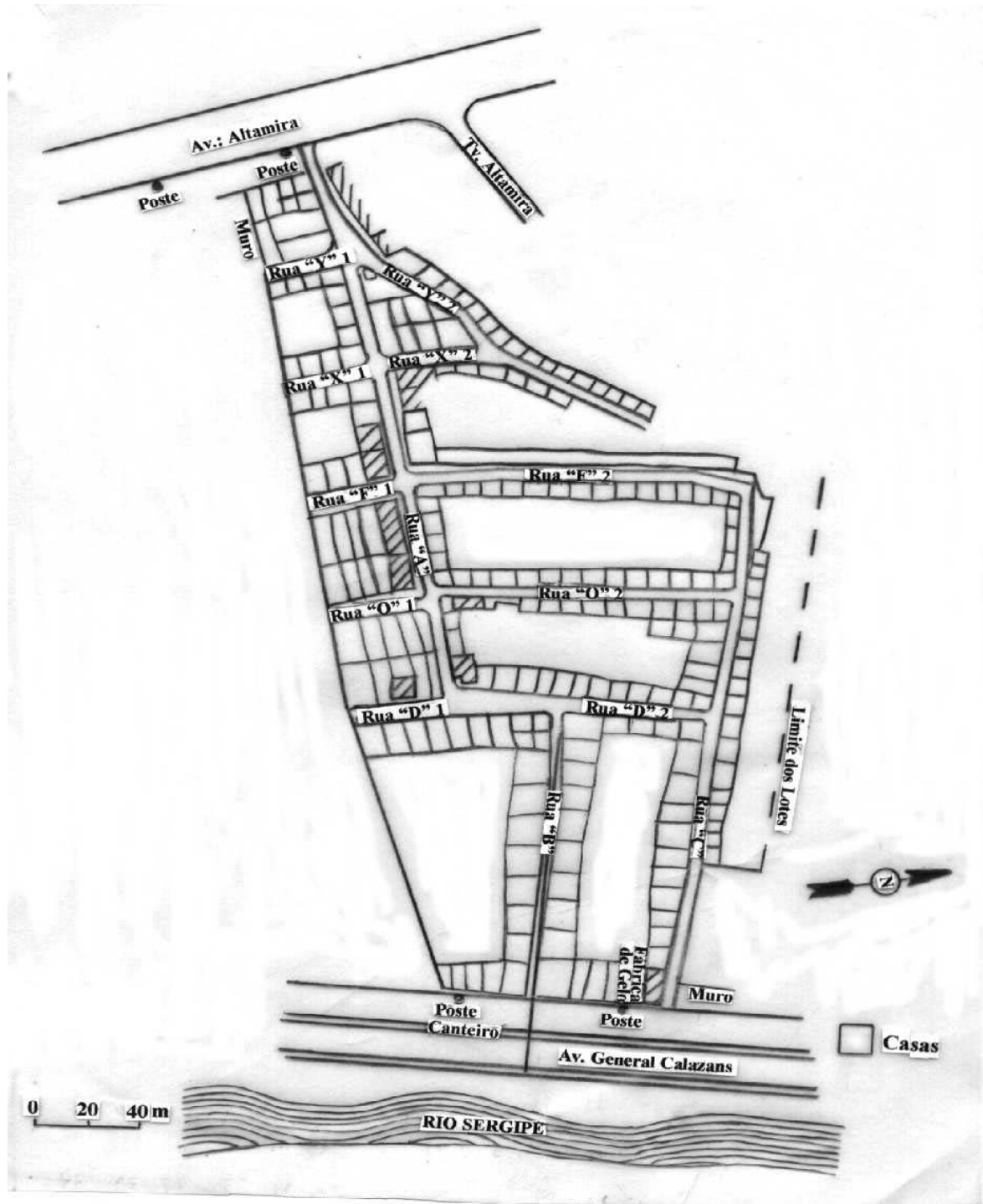
---

<sup>\*</sup> Professora Doutora, Visitante do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS.

<sup>\*\*</sup> Mestrandos do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS.

poucos, de moradores que moram emprestados.

Figura 1  
A Favela da Matinha



FONTE: EMURB, Prefeitura Municipal de Aracaju, 1998.

Não foi fácil, tranqüilo o processo de ocupação da área, os invasores, no início, entraram em conflito com a Polícia e o proprietário. Mas os ocupantes resistiram, defenderam seus pedaços de terra, enfrentaram ameaças de despejo, não temeram as pressões e intimidações. Em defesa da área os ocupantes tiveram a ajuda de representantes da comunidade, líderes políticos, integrantes do "Movimento dos Sem Teto".

A cidade, na maioria das vezes, não se encontra preparada para atender o crescimento populacional, nem receber contingente significativo de migrantes ela cresce desordenadamente. Por falta, em nível de Estado e Município, de política habitacional, sem planejamento no sentido de atender às necessidades básicas da população residente e da população migrante, domina a urbanização artificial, postíça, urbanização que multiplica os problemas em vez de resolvê-los. A crise nacional, econômica, política e social castiga a população, que enfrenta o desemprego e o subemprego. Parte dos trabalhadores, sem dinheiro e sem salário apela, principalmente nas Capitais, para invasões e favelas, as quais, embora ilegais, integram a estratégia de sobrevivência. Para quem não tem dinheiro para comprar uma casa ou terreno a solução no desemprego, é a invasão e a favela. KOWARICK explica:

*"De toda a forma, a favelização constitui uma solução de sobrevivência por representar uma diminuição nos gastos de moradia" (1979:88).*

A migração interna brasileira é permanente, irregular, intensa, fenômeno estudado há bastante tempo, ANDRADE confirma:

*"... a migração se apresenta como uma tentativa de 'melhorar de vida', isto é, de restabelecer, em nível mais alto, o equilíbrio entre as necessidades socialmente definidas e a remuneração do trabalho. Assim como a migração é motivada por insatisfações que são sentidas sobretudo na esfera econômica, é a possibilidade de vir a obter uma colocação satisfatória, isto é, que preencha ou venha a preencher, pelo menos em parte, as aspirações do migrante, que condiciona todo o processo de integração na zona urbana, ou determina, ao contrário, o retorno" (1978:145).*

Falar em migração é falar em economia e política, em propriedade e salário. A economia afeta diretamente a migração, os homens e as famílias nelas envolvidos. O processo migratório não é linear, é complexo, são diferentes as condições econômicas e sociais que a estimulam e motivam. DURHAM escreve e ensina:

*"A migração no Nordeste brasileiro é um fenômeno existente há bastante tempo, sendo que nas últimas décadas, os movimentos populacionais estão se tornando mais freqüentes no nosso país" (1980:13).*

Em Sergipe, a partir da década de 40 é acelerado o processo de urbanização, estimulado por fluxos migratórios, que se observa através dos Censos Demográficos de 1950, 1970, 1980 e 1996 (Tabela 1).

O crescimento da população de Aracaju é decorrente, em grande parte de fluxos migratórios, que se somaram ao crescimento vegetativo. Os migrantes procuram Aracaju devido ao *efeito expectativa*. E a ilusão de encontrar emprego, moradia e trabalho, processo que se acentua a cada ano, favorecido pelos meios de transporte e comunicação.

Tabela 1  
População Urbana de Aracaju  
1950-1996

ANO	HABITANTES
1950	57.539
1960	112.516
1970	179.276
1980	286.934
1996	428.676

FONTE: INEP, Anuário Estatístico de Sergipe, 1976-1996.

O crescimento do sistema do transporte rodoviário, a concentração fundiária, as novas relações de trabalho e a implantação de indústrias, explicam a crescente concentração das atividades econômicas e sociais na Capital. O aumento das migrações acelera o crescimento e a ocupação desordenada da cidade, multiplica os problemas, agrava o déficit de habitações.

O alto custo de vida leva a classe trabalhadora às zonas periféricas das cidades. A zona Norte, em Aracaju, é a mais procurada pelos migrantes. É onde existe a maior concentração de invasões. RIBEIRO explica:

*“Grande número de trabalhadores, devido ao baixo poder aquisitivo de seus salários, só consegue prover moradia a si próprio e a suas famílias em áreas que, por sua distância e carência dos equipamentos e serviços urbanos, tiveram valorização relativa menor...” (1989:38).*

O problema habitacional de Aracaju é tão sergipano, quando nordestino e nacional. O país não possui uma política habitacional. Sergipe sofre as consequências de antigos e irresolvidos problemas. Os migrantes que, com suor e esperança, procuram Aracaju, vêm do interior do Estado, outros são procedentes de Alagoas, da Bahia e Pernambuco, até do Espírito Santo e Brasília, vítimas, todos eles de governantes insensíveis, impatrióticos, omissos. Desnecessário será dizer que é da área rural que vem o maior número de migrantes, no caso da Matinha há também migrantes de bairros de capital (Figura 2 e 3).

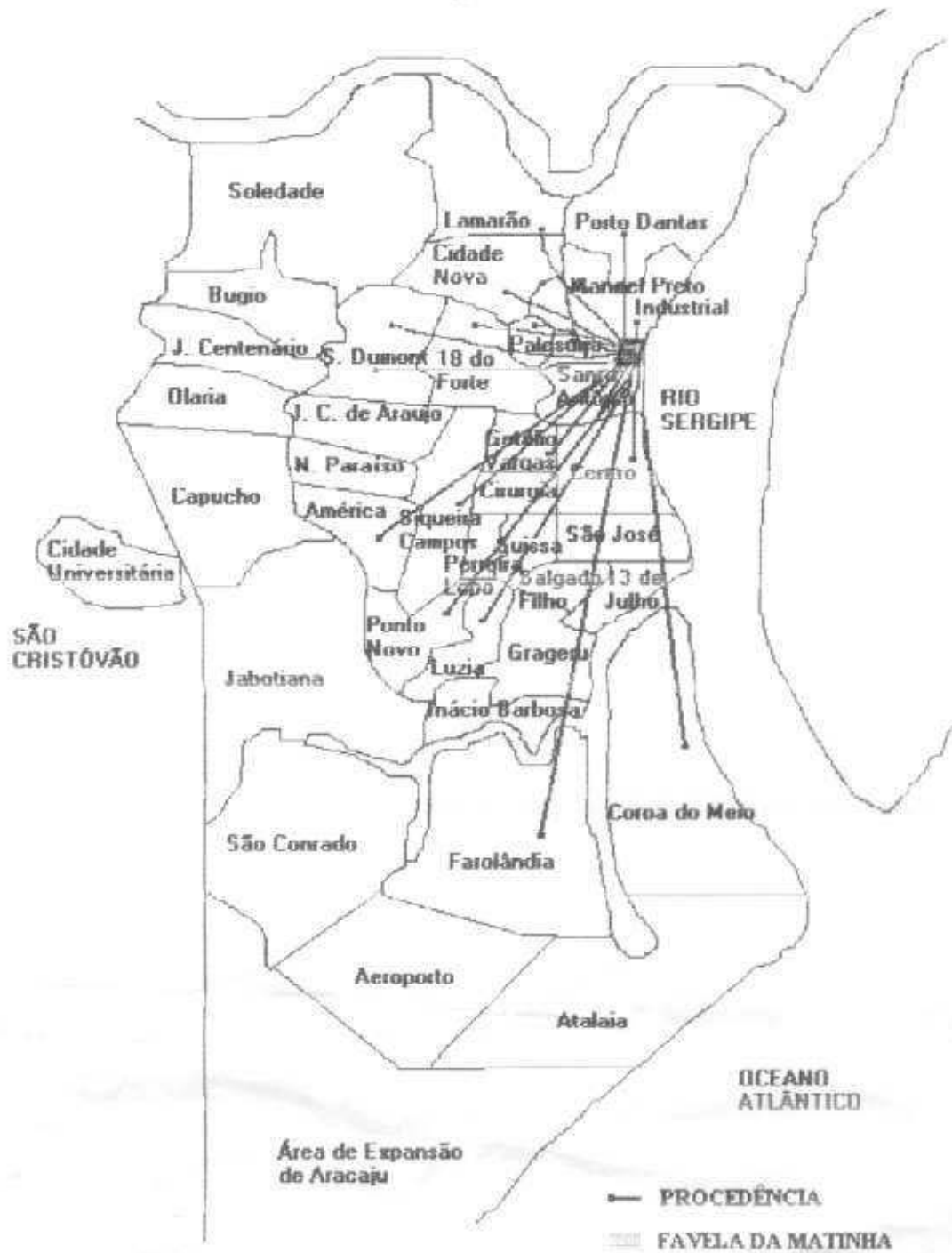
Observa-se que 46,0% dos residentes na Matinha já moraram em bairros da capital sergipana, 36,0% vieram de municípios sergipanos, os demais são de outros Estados da Região Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do País. Há moradores que têm origem na área urbana, há outras que vêm da zona rural (Tabela 2).

Tabela 2  
Naturalidade

LOCAL	TOTAL	%
Aracaju	35	46,0
Interior de Sergipe	27	36,0
Alagoas	08	11,0
Bahia	03	4,0
Brasília	01	1,0
Espírito Santo	01	1,0
Pernambuco	01	1,0
Total	76	100

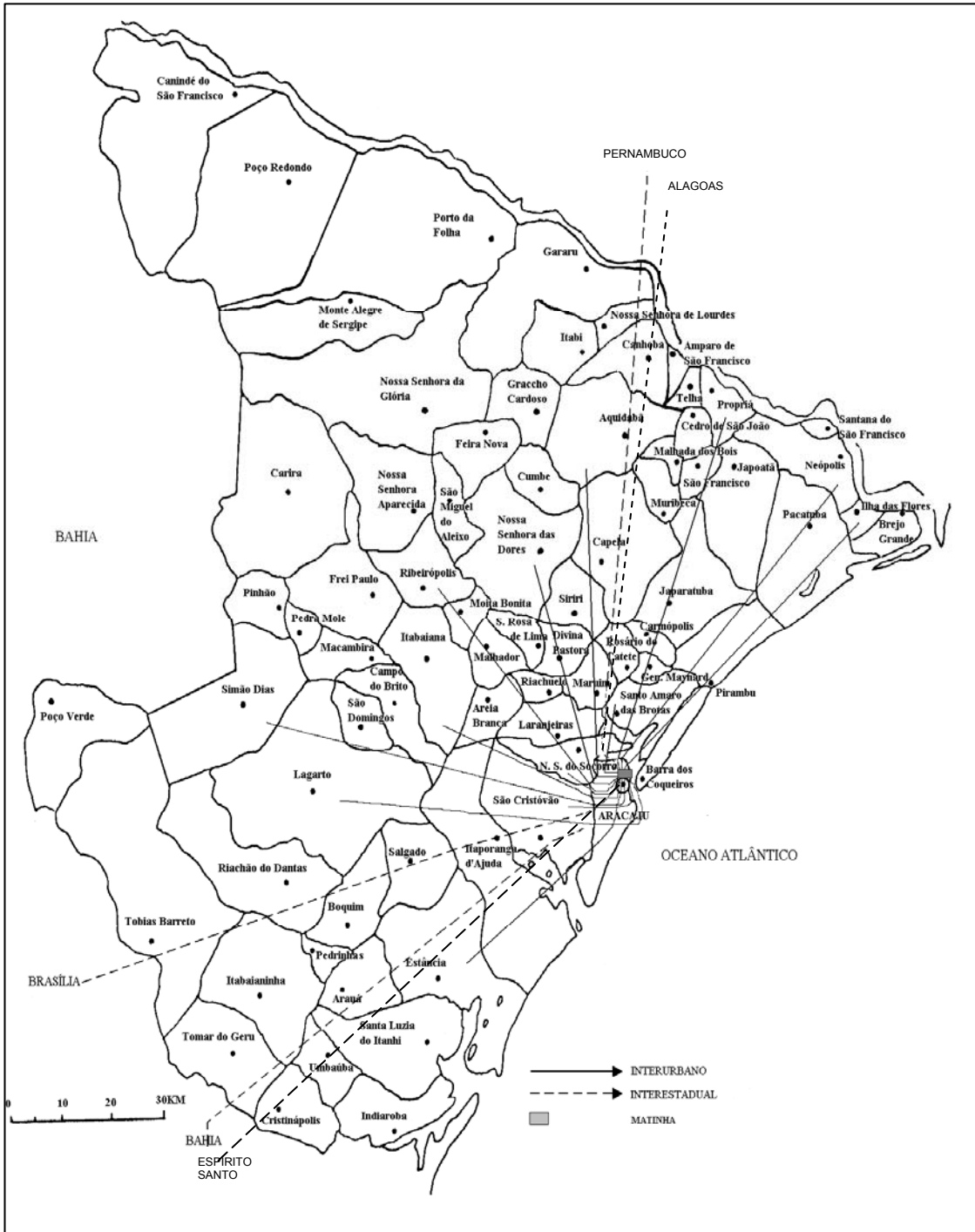
FONTE: Trabalho de Campo – as autoras, maio/1999.

Figura 2  
Bairros de Aracaju  
Migração Intra-urbana – 1999



FONTE: Trabalho de Campo – as autoras, 1999.

Figura 3  
Sergipe  
Fluxos Migratórios para a Matinha  
1999



Causas várias, complexas explicam a migração para a Matinha. A maioria migra: a) porque não tem casa própria; b) porque não pode pagar aluguel. Há os residentes que desejam ficar mais próximos do centro comercial de Aracaju. Eles, assim, minimizam o custo de transporte, diminuem o desgaste físico, estão mais perto do local de trabalho. Existem, moradores que foram à Matinha para, assim, ficarem mais próximos de parentes e amigos.

A pobreza e a dramaticidade da Matinha não são novas nem originais em Sergipe. Acontece o mesmo no Nordeste e em todo o País, que exibem o drama e a perplexidade das zonas periféricas, agredidas pelo descaso e a omissão dos Governos. Predominam na Matinha, como em toda zona periférica, infraestrutura precária, que reflete a baixa e humilhante qualidade de vida.

Os moradores da Matinha querem viver, aprendem a sobreviver. Os barracos e casas diferem na sua construção, obra de cada um e de todos. Os moradores, na construção, usam e aproveitam tudo: papelão, madeira, placas, compensados. Parentes e amigos ajudam na obra, o material usado, sobra de construções próximas, é logo aproveitado. Na medida em que o morador melhora de vida, a moradia sofre modificações, é melhor dividida, as paredes alteradas, as portas têm melhor acabamento, tudo é mudado, da cobertura ao piso. A observação direta e a tradição condicionam a técnica da construção. A maioria das construções é considerada sub-habitação que, de acordo com EPSTEIN (1976), reúne pelo menos três características:

- 1) Construção rude, em madeira ou material de baixa resistência;
- 2) Instalações sanitárias precárias;
- 3) Teto feito de material impróprio;
- 4) Piso de terra;
- 5) Ausência de energia elétrica;
- 6) Falta de água tratada ou encanada;
- 7) Pouco espaço infra-residencial.

Percebe-se, analisando o piso utilizado na construção, que mais da metade, ou 67,1% das moradias, é de cimento, demonstrando que o morador não quer conviver com o piso de terra batida, que serve à umidade e estimula doenças. Há barracos piores do que outros, são 26,3% os que usam piso de terra batida. Barracos assim apresentam péssimas condições de moradia e higiene, indicam a baixa renda de seus ocupantes. Nas melhores casas da Matinha (6,6%), são encontradas piso de cerâmica.

É maior o número de casas construídas com madeira, cerca de 38,2%, enquanto que as de alvenaria representam 34,2%, enquanto que as casas construídas de diversos materiais: plástico, papelão etc., são 27,6% delas. Conclui-se, de qualquer forma, que ainda são difíceis, precárias as condições de vida dos moradores. Lutam todos pela sobrevivência. Não é por acaso que a telha comum só existe em 43,4% das casas, seguidas pela de amianto, 29,0% das casas, menos resistentes do que a outra e as demais misturam os materiais que possuem para cobrir seu barraco.

A maior parte das moradias tem apenas um cômodo, dividido por cortina ou madeira transformado, assim, em quarto e sala, mas sem instalações sanitárias. O estado de conservação da maioria é péssimo, reflexo das condições econômicas de cada ocupante. A solidariedade domina entre os moradores, da construção ao uso e conservação dos barracos. Mas, como exceções, existem moradias bem construídas e bem conservadas, contam com alvenaria, piso de cerâmica, telha comum e dispõem de 2 a 3 cômodos (Foto 1).

Foto 1  
Condições Precárias de Moradia



Os barracos, em geral, têm quintal, área suficiente para aumentar a casa e reservar local para as crianças brincarem. A falta de dinheiro e a limitação cultural não estimulam a melhoria da habitação. O seu grande sonho é ter uma casa seja de qualquer tipo, razão porque muitos moradores da área assim se expressam:

*“... sei que vou morrer e não consigo construir minha casa de tijolos...”*  
*“... eu não pago água, luz, e aluguel desde que vim morar aqui, mas ainda não consegui construir minha casa... o dinheiro está cada vez mais curto...”*

Há aqueles que desejam casa própria, mas têm receio de construí-la, inseguros quanto à posse do lote.

*“... tenho vontade de construir a minha casa, mas tenho medo do prefeito passar a máquina como fez no mercado e eu perder o dinheiro...”*

As famílias na Matinha apresentam prole que varia de 2 a 5 membros, os adultos representam 54,5%, enquanto que as crianças perfazem cerca de 45,5%. Há o predomínio de 53,0% do sexo feminino, o masculino conta com 47,0% (Tabela 3).



Tabela 3  
Composição da Família

Composição das Famílias	Total de Entrevistados	Feminino	%	Masculino	%	Adulto	%	Criança	%
- 2	06	01	0,36	05	1,8	06	2,2	-	-
2 – 5	49	82	29,6	71	25,6	92	33,2	59	21,3
5 – 10	21	64	23,1	54	19,5	53	19,1	67	24,2
Total	76	147	53,0	130	47,0	151	54,5	126	45,5

FONTE: Trabalho de Campo – as autoras, maio/1999.

Entre os entrevistados 11,8% exercem atividades formal (merendeira, agente comunitário etc), 21% estão no setor informal (biscateiros, faxineiras, vendedores de frutos do mar etc). Verifica-se, contudo, em escandalosa constatação, que os desempregados representam 64,5% dos moradores. Morar na favela, assim não é opção, é a única maneira de sobreviver. Cerca de 1,3% dos moradores são aposentados e 1,3% são pensionistas.

O homem, a esposa, os filhos, todos trabalham. Boa parte das famílias ganham um salário mínimo, 30% deles percebem menos. Cerca de 25% dos moradores ganham até 1/2 salário mínimo. Há os que, sem nenhuma renda, sobrevivem através das doações de parentes e amigos. Apesar das conhecidas dificuldades dos moradores, existem em grande número de moradias, rádios, televisores, geladeiras, vídeo cassete. Dir-se-á que tais produtos não perdem, em importância, para as necessidades básicas (tabela 4). Afirma CAMARGO:

*“Para a maior parte da classe trabalhadora, o novo padrão de vida vem implicando no sacrifício de necessidades tão essenciais como a alimentação, saúde, higiene e o vestuário” (1976:77).*

Tabela 4  
Equipamentos Eletrodomésticos

Equipamentos	Total	%
Rádio	69	35,2
Televisão	61	31,1
Geladeira	57	29,1
Vídeo	08	4,1
Antena parabólica	01	0,5
Total	195	100

FONTE: Trabalho de Campo – as autoras, 1999.

A invasão da Matinha é relativamente recente, mas há contraste na maioria das moradias. Há antena parabólica em uma das residências, a mais estruturada da área com 2 andares, mas ao lado aparecem casebres sem nenhuma condição de higiene, construção precária, espaço reduzido para comportar uma família.

A maioria dos ocupantes da Matinha vive diária e permanente dificuldades, mas há grande preocupação com o conhecimento, instrumento eficaz no melhoramento da qualidade de vida. Todos têm consciência de que a instrução ou qualificação profissional do indivíduo é fundamental à sua ascensão na sociedade. Cerca de 67,1% dos entrevistados têm o ensino fundamental incompleto, concluído por 10,5% deles. É de 6,5% o número dos que concluíram o ensino médio. Há, na comunidade, 9,2% de analfabetos.

Os filhos dos entrevistados cursam, em sua maioria, o ensino fundamental. Jovens de 6 a 13 anos de idade, 29,2% deles, estão no curso infantil, 8,5% não estão na idade escolar adequada. Apenas 2,9% com idade de 17 anos ou mais cursam o ensino médio, prejudicados pelos horários de trabalho e até mesmo a falta de apoio. Sabido que 23,4% dos filhos dos entrevistados não estão na escola, não é fácil ser otimista em relação ao amanhã.

Apesar de localizada no bairro Industrial, um dos mais antigos de Aracaju, a Matinha não dispõe de escolas. Os moradores são beneficiados por escolas e serviços situados fora da Matinha, usam, no bairro Industrial, Escola de 1º Grau José Augusto Ferraz, Escola Municipal Maria da Glória Macedo e os Postos de Saúde: Dona Jovem e João Paulo II. Os moradores da Matinha usam igualmente, o Posto de Saúde localizado na rua São João no bairro Santo Antônio, tendo em vista que não existe Posto de Saúde local. É o descaso de sempre em relação aos pobres, aos carentes, aos necessitados. NAJAR analisa e ensina:

*“Sabemos que apenas a promoção de medidas assistências não resolve os*

*problemas de saúde. Contudo é necessário reconhecer que para algumas situações, a existência de serviços públicos se torna obrigatória como DIREITO. Nesse aspecto a situação brasileira é lastimável tanto em termos de medidas preventivas como em termos da assistência curativa” (1987:42).*

De acordo com os moradores foram registrados casos de dengue, verminoses, dermatites, infecções intestinais e pulmonares e outros tipos de doenças, principalmente atacando as crianças, obrigadas a conviver com a inundação e a sujeira.

Vale salientar o trabalho de Agente Comunitário de Saúde junto aos moradores, informando e encaminhando doentes aos diversos postos de atendimento da Capital. A coleta de lixo tem sido regular, a carroça passa, na área, três vezes por semana.

A Matinha não conta com policiamento certo, regular, serviços policiais como o da Cavalaria e das Rondas Policiais são feitos quando há solicitação dos moradores. A área enfrenta, do mesmo modo, o problema do transporte, apesar de localizada há 200 metros do Terminal do Sistema Integrado de Transporte (SIT) da Zona Norte. Muitos moradores, por falta de recursos financeiros vão a pé para o trabalho.

As condições sanitárias e higiênicas da Matinha são péssimas, suas ruas não têm pavimentação, valas escorrem a céu aberto na frente das casas e nos quintais. As necessidades fisiológicas são feitas em ambientes e locais inadequados.

A área não conta com sistema de abastecimento de água. São poucos os barracos – e casas – que têm água canalizada, mesmo assim, de forma clandestina, através de ligações em residências do Bairro Industrial, sendo os proprietários ressarcidos através da prestação de serviços (lavagem de roupas, faxinas etc.), por parte do usuário. Existe torneira nas proximidades da Avenida General Calazans, os moradores retiram a água através de baldes e latas.

A iluminação é precária, feita por gambiarras, o tradicional *gato*. Segundo os moradores, quando chove ocorrem curtos circuitos na rede elétrica, provocando a queda do fornecimento e problemas nos aparelhos eletrodomésticos existentes.

As associações de conservação e defesa da Matinha, têm problemas, não agem unidas, solidárias, não mobilizam devidamente os moradores. Um dos entrevistados argumenta convicto, convincente:

*“... não sei porque duas associações brigando pela mesma coisa... não era melhor se unir para ver se melhorava isso aqui...”*

A presidência da Sociedade de Defesa do Bem-Estar Social dos Moradores da Matinha defende seu trabalho, vê a crítica como inaceitável. Ela explica que a maioria dos membros da comunidade não efetua o pagamento da taxa de manutenção nem participa, tampouco, das reuniões. Mas, quando os políticos enviam donativos, os moradores comparecem às reuniões da comunidade.

O presidente da Associação Produtiva dos Moradores e Amigos da Matinha, também atuante no MLM (Movimento de Luta pela Matinha), informa que faz reunião de 15 em 15 dias com a comunidade, realiza assembléia geral a cada 90 dias. Em casos de emergência, há uma reunião extraordinária. A associação dos moradores tem problemas financeiros e sociais, os associados não pagam as taxas devidas, eles entendem, em seu paternalismo, que é o poder público e não eles que devem sustentar a associação.

Não é pequena a luta do presidente da Associação dos Moradores e Amigos da Matinha. Há muitos, por exemplo, que, com o apoio dos companheiros, defende a posse do terreno ocupado pela comunidade. Há outros, contudo, voltados para o assistencialismo. Os problemas aumentam, agravados a medida que não são resolvidos. O poder público, Estado e Município, permanece sem uma política para o setor.

Há, na Matinha, problemas prioritários e problemas secundários. Moradores entrevistados apontam, pela ordem, problemas e dificuldades: a) falta de saneamento preocupa 53,2% dos moradores; b) a falta de energia é a dor de cabeça de 18,7%; c) a violência mete medo a 17,8%; d) a falta de emprego é a preocupação maior de 10,3% dos moradores.

Existe dificuldades, sofrimentos, vexames, mas a maioria dos moradores da Matinha não tem o que fazer, para onde ir. Resultado, é inevitável a permanência na Matinha. O depoimento sentido, sofrido da maioria dos moradores fala por si mesmo:

*"Não tenho outro lugar... foi aqui que consegui meu barraco..."*  
*"... até o último suspiro, porque pelo menos aqui eu peguei, é meu, não pago água, nem aluguel e com a ajuda da família vou sobrevivendo..."*  
*"Pagava aluguel e Deus me deu essa força e agora estou aqui, não saio mais, só no dia que Deus quiser."*

Mas, há os mais insatisfeitos, inconformados, os que não querem continuar na Matinha:

*"... parece cemitério, vejo muita gente fumando... gostaria de morar no Santos Dumont."*  
*"... não me acostumo com a bagunça principalmente quando chove..."*

O que é preciso para a Matinha mudar, crescer, ficar melhor, habitável, humana? Os moradores, em geral, querem pouco, apelam para o poder público, apesar dos mal tratos, têm esperança no Prefeito de Aracaju.

*"... é bom o prefeito agir, que não dê casa, mas faça a drenagem e a pavimentação."*

Sensíveis, despolitizados, os moradores da Matinha não raciocinaram em termos de povo, de Estado e de Nação. A Nação e o Estado têm sido violentos e ingratos com eles. Eles, de qualquer modo, olham para a frente, vêem o amanhã, enxergam o futuro. A cabeça e o coração deles estão ligados na casa, no trabalho, na família, nos filhos. Desse modo, afirmam, depõem:

*"Ver as filhas moças, estudar e ter a casa de bloco e botar tudo dentro, pra mim já vou ter tudo."*  
*"Construir a casa, com andar, para os filhos ficar morando quando eu morrer..."*  
*"Construir a casa, arrumar um trabalho digno que possa sustentar minha família e dá uma vida digna (boa alimentação, educação e remédios) para meus filhos."*

A existência da Matinha prova que o indivíduo, não só em Sergipe, continua sem direito ao salário, à moradia, à educação, à saúde e ao lazer. Os governantes, em geral, continuam a desrespeitar a Constituição. Isso, contudo, não revolta, os carentes, desempregados, injustiçados. Os moradores da Matinha, em geral, ainda têm esperança. Mas, um dos moradores não esconde sua dor, doente e desiludido, há três anos desempregado, ele desabafa:

*"Não tenho mais futuro, agora é só morte. Tinha futuro se pudesse construir uma casa aqui para deixar para o filho, mas não posso."*

O governo não beneficia a área, não se sensibiliza com os problemas, só atua, mesmo precariamente, à época das eleições. Entretanto, é comum aparecerem, nas áreas periféricas, placas que anunciam obras nem sempre realizadas. Nessa última eleição (2000), calçaram as ruas da favela, melhorando o seu visual, tentando minimizar os efeitos da ausência do saneamento, elemento responsável pela proliferação de doenças, montaram posteamento, mas não tem ainda luz e colocaram água.

Não é possível, na Matinha, vida confortável, humana, digna, ela ignora, a partir de ZAMBONI & TAMAKI, que: "O direito de habitar é o direito de viver".

A vida na Matinha é sobrevivência amarga, desesperada de gente pobre, desempregada, marginalizada. Os moradores podem, no máximo, ser eleitores, não são cidadãos. É por isso que os governantes, sem espírito público, estimulam invasões, convivem com elas. A Matinha é estímulo à luta, a possibilidade de outras e novas reivindicações. O debate e o protesto ensinam a lutar. Lutar contra a injustiça. Por melhores dias.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manoel Correia de. A Terra e o Homem no Nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CALMON, Jorge. As Estradas Corriam para o Sul: Migrações Nordestina para São Paulo. Salvador: EGBA, 1998.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Cidade. São Paulo: Contexto, 1992.
- DURHAM, Eunice R. A Caminho da Cidade. 3. ed., Coleção Debate. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FLEURY, Sônia (org.) Saúde e Demografia a Luta do CEBES. São Paulo: Lemos, 1997.
- FRANÇA, Vera Lúcia A. Aracaju: Rumo a uma Feição Metropolitana. In: Capítulos de Geografia Nordestina. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998.
- \_\_\_\_\_. Aracaju, Estado e Metropolização. Tese de doutorado. São Paulo: NPGeo/UNESP, 1997.
- GONÇALVES, Maria Flora (org.). O Novo Brasil Urbano, Impasses, Dilemas, Perspectivas. São Paulo: Mercado Aberto, 1995.
- GADELHA, R. Fonseca M. A Globalização, Metropolização e Políticas Neoliberais. São Paulo: EDUC, 1997.
- KOWARICK, Lúcio. A Espoliação Urbana. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MOURA, Hélio A. de (coord.). Migração Interna. Textos Selecionados. Fortaleza: BNB, 1980.
- NAJAR, Alberto Lopes; MELAMED, Clarice et alli. O Plano Nacional de Saneamento: As Desigualdades Encobertas. In: Espaço e Tempo. 2. ed. Rio de Janeiro: FASE, 1987.
- PAVIANI, Aldo. Disparidades Regionais Envolventes: Problemas Regionais ou Nacionais? In: Revista Geonordeste, IV-Nov, UFS, Aracaju, 1987.
- PORTO, Fernando de F. "A Cidade de Aracaju 1855-1865, Ensaios da Evolução Urbana". Estudo Sergipano II, Aracaju, 1945.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU. Relatório do Levantamento Sócio-Econômico das Pessoas que Ocuparam o Terreno na Travessa Altamira, no Bairro Industrial. Secretaria Municipal de Ação Social/Divisão de Plantão Social, Fevereiro/1997.
- RIBEIRO, Neuza Maria G. Condições de vida da população do Bairro Santos Dumont. NPGeo – UFS, Aracaju, 1998.
- \_\_\_\_\_. Transformações do Espaço Urbano: O Caso de Aracaju. FUNDAJ, Editora Massangana, Recife, 1989.
- SANTOS, Adelci Figueiredo. Contribuição ao Estudo do Processo Migratório em Sergipe. Tese de Livre Docência, Aracaju, 1976.
- \_\_\_\_\_. Invasões, Favelas e Desfavelamentos em Aracaju. In: Capítulos de Geografia Nordestina. NPGeo-UFS, Aracaju, 1998.
- \_\_\_\_\_. et alli São Conrado, um bairro periférico na zona sul de Aracaju. in anais do Encontro Nacional de Estudos sobre o Crescimento Urbano, Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 1997.
- \_\_\_\_\_. População Brasileira: Estrutura, Conflitos e Planejamento. Série Didática 1, Cadernos Sergipanos de geografia, UFS – AGB/Aracaju, 1986.
- \_\_\_\_\_. et alli. A Favela do Japãozinho: Estrutura e Condição de Vida. Revista GEONORDESTE, Ano VI e VII, UFS, Aracaju, 1989/1990.
- SILVA, José Borzacchiello. Ceará: os movimentos migratórios, o homem sem terra e a marginalidade urbana. Geonordeste, UFS, Agosto/1984.
- STOTZ, Eduardo N. Baixos Salários, Pouca Saúde – os Males do Brasil. In Espaço e Tempo. Rio de Janeiro, 1988.
- TASCHER, Susana P. Favelas, Fatos e Políticas. In: Espaços e Debates. Ano 6, 1996.
- VALLADARES, L. do P. (organizador). Habitação em Questão, São Paulo, Zahar Editores, 1981.